

HISTÓRIA E FILOSOFIA: CAMINHOS PARA DIÁLOGOS POSSÍVEIS

HISTORY AND PHILOSOPHY: PATHWAYS FOR POSSIBLE DIALOGUES

GABRIEL BARROSO VERTULLI CARNEIRO*

RANGEL, Marcelo de Mello. *Da ternura com o passado: história e pensamento histórico na filosofia contemporânea*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019, p. 112.

Como superar o “grande muro” que muitas vezes se ergue entre áreas vizinhas, como a história e a filosofia? Como criar diálogos significativos entre disciplinas que, embora próximas, parecem tão distantes? Ou, para aprofundar ainda mais o problema: como estabelecer conexões entre a filosofia – que, à primeira vista, parece desvinculada do contexto histórico – e a história, que frequentemente se mostra relutante a se envolver com reflexões especulativas que extrapolam a análise empírica das fontes?

Essas não são questões novas; na verdade, apresentam-se há muito tempo para os intelectuais das duas áreas. A novidade, com efeito, diz respeito ao livro de Marcelo de Mello Rangel, intitulado *Da ternura com o passado: história e pensamento histórico na filosofia contemporânea*, no qual ele nos mostra que os diálogos entre esses dois campos do conhecimento não são apenas possíveis, mas, sim, necessários e enriquecedores.

Para fins de apresentação, cabe dizer que o nosso autor tem dupla formação: Marcelo Rangel possui a graduação em história pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a graduação em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). No que diz respeito aos doutorados, ele defendeu a sua tese na área de história na Pontifícia Universidade

* Doutor e mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e graduado em História e em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). (Email: gabrielvertulli@gmail.com)

Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) – sob a orientação de Ilmar Rohloff de Mattos – e, quanto a sua tese na filosofia, ele continuou na UFRJ – sob a orientação de Rafael Haddock-Lobo.

Atualmente ele é professor do Departamento de História e dos Programas de Pós-graduação em História e em Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Enfim, como podemos perceber, ele é, ao mesmo tempo, um historiador filósofo e um filósofo historiador. Em última instância, Rangel é alguém que de fato transitou pelas duas áreas e conhece como poucos os encontros e desencontros das duas disciplinas.

O livro *Da ternura com o passado* começa com um prefácio (escrito por Hans Ulrich Gumbrecht), tem em seu núcleo quatro capítulos de temas variados (mas que seguem uma linha comum) e termina com um apêndice (uma entrevista com o autor). Os quatro capítulos que dão forma ao livro são uma compilação de artigos escritos por Rangel entre 2013 e 2017. No primeiro deles, intitulado *Justiça, violência e história em Derrida e Benjamin*, apesar de sublinhar um comentário crítico de Derrida a Benjamin, ele pretende aproximar as reflexões benjaminianas sobre a história da desconstrução derridiana. Podemos dizer que os argumentos principais do capítulo giram em torno da ideia de *agon* como motor de tudo¹, isto é, da ideia de que a competição ou a disputa são impulsos necessários para a formação de novos mundos.

Essa ideia, obviamente, não é nova. Ela possui uma longa tradição que nos remete, como bem aponta Rangel, aos famosos fragmentos de Heráclito – em especial àquele onde lemos que “*De todas as coisas a guerra é pai*”. Enfim, é uma tradição cujos ecos podemos ouvir no antagonismo que ilustra a ideia de “insociável sociabilidade” de Kant, a concepção de “dialética” hegeliana, a noção de “luta de classes” de Marx, os conceitos de “vida” ou “vontade de poder” de Nietzsche e até mesmo as análises foucaultianas sobre o “poder”. Em linhas gerais, nesse capítulo inicial nos deparamos com o argumento de que todos os horizontes, leis ou instituições possuem uma origem violenta na medida em que eles são instaurados a partir de um movimento que visa a “justiça”, mas que sempre age a partir da “justeza” – e a justeza necessariamente é uma irrupção violenta decorrente de um encontro agonístico. A percepção de que todo horizonte é um ato violento, ou melhor, a consciência de que inclusive o nosso próprio ponto de partida para o pensamento é um engajamento violento – inclusive do pensamento que aponta para a violência de todos os pensamentos – seria uma marca tanto da reflexão benjaminiana sobre a história quanto da desconstrução derridiana. Ambas estariam

¹ Com efeito, Rangel não lança mão do conceito de *agon* no desenrolar dos seus argumentos, mas, de qualquer maneira, as implicações desse conceito perpassam esse primeiro capítulo.

interessadas em liberar perspectivas negadas por um horizonte cristalizado – sem perder de vista, porém, que esse interesse pela *diferença*, ou pelo que é *outro*, envolve também um engajamento de natureza violenta.

No capítulo seguinte, *Melancolia e história em Walter Benjamin*, ao tratar da melancolia nos escritos do filósofo alemão, Rangel argumenta sobre como o homem seria a instância ou o espaço capaz de desvelar passados obscurecidos. Um tema que, como fica claro, está em contato íntimo com o do capítulo anterior. Em suma, trata-se de pensar a *história como possibilidade* em oposição à *história como progresso*. Esta seria uma problemática que toca o cerne das teses “Sobre o conceito de história” de Benjamin. Ou melhor, uma problemática que desvela o “marxismo melancólico” benjaminiano (conforme os termos de Leandro Konder) – uma espécie de materialismo histórico que se caracteriza pela descrença com relação à reativação da história como *possibilidade* devido à força do *progresso* que carrega sem piedade o “anjo da história” para o futuro. Não obstante, o ponto a ser realçado é que, ao mesmo tempo em que nutre uma descrença melancólica, Benjamin não deixaria de formular uma crítica que aponta para a necessidade de se levar a cabo a missão de “escovar a história a contrapelo” (para usarmos a famosa expressão lançada por ele na tese VII). Ainda, como bem nos lembra Rangel, essa ambiguidade da crítica empreendida por Benjamin à modernidade é interpretada como “melancolia positiva” por Maria Rita Kehl e chamada de “pessimismo revolucionário” por Michael Lövy.

No terceiro capítulo, intitulado *História e Stimmung a partir de Walter Benjamin: sobre algumas possibilidades ético-políticas da historiografia*, Rangel segue a linha dos dois primeiros textos e argumenta sobre como a atividade historiográfica (ou o pensamento histórico que [re]tematiza passados) teria o potencial de construir outros mundos e realidades possíveis a partir da reorganização ou criação de uma nova atmosfera (*Stimmung*). Ou seja, uma *Stimmung* não-conformista, que seria capaz de criar as condições de possibilidade para superar o “clima” fechado ao *outro* que se instituiu e que seria a marca da modernidade dominada pela noção de “progresso”.

Já no último capítulo, que leva o título *Nietzsche e o pensamento histórico: justiça, amor e felicidade*, percebemos uma sutil mudança na paisagem reflexiva – pois agora Rangel não coloca Benjamin como o centro a partir do qual a sua reflexão irradia. Contudo, embora a *Segunda Consideração Intempestiva* se apresente como o eixo central deste quarto capítulo, é possível afirmar que Rangel realiza uma leitura benjaminiana desse texto do jovem Nietzsche.

De maneira geral, a questão fundamental que emerge desse capítulo poderia ser formulada da seguinte forma: como podemos nos relacionar com o passado de forma tal que possamos (re)atualizá-lo constantemente em prol da felicidade e a partir de uma atividade amorosa (que seria o próprio pensamento histórico)? O texto de Nietzsche sobre a história se apresenta aqui como fundamental na medida em que a tensão entre lembrança e esquecimento, desenvolvida por ele logo no início do seu argumento, torna-se um problema vital para a reflexão sobre qual seria a melhor maneira de nos relacionarmos com o passado – e, por conseguinte, sobre quais seriam as condições de possibilidade para se escolher determinados passados em detrimento de outros com o objetivo de trazer à tona realidades ignoradas.

No apêndice do livro, encontramos ainda uma entrevista em que Marcelo Rangel nos conta um pouco sobre a sua trajetória acadêmica e retoma os vários conceitos e noções fundamentais que perpassam os quatro capítulos do seu trabalho: diferença; violência; melancolia; felicidade; amor; história como possibilidade; giro ético-político e muitos outros. Todos esses conceitos convergem, de alguma forma, para o núcleo central da reflexão de Rangel, a saber: a crítica melancólica como o caminho capaz de construir e preservar espaços de *diferença* – uma crítica, vale ressaltar, consciente tanto de seus limites quanto de sua necessidade.

É importante notarmos que os diálogos e os pontos de contato que Rangel delinea entre a história e a filosofia se dão a partir de um cenário específico. Quer dizer, ele nos apresenta as fronteiras entre as duas áreas basicamente a partir de cinco autores: Nietzsche, Benjamin, Heidegger, Derrida e Gumbrecht – sendo Benjamin o seu sustentáculo central. Grosso modo, é uma reflexão construída a partir de um solo alemão. Vale lembrar que mesmo Derrida, um filósofo franco-argelino, foi um grande leitor dos alemães. Porém, isso não quer dizer que para caminhar pelas fronteiras entre a história e a filosofia seja necessário passar por uma trilha onde se fale necessariamente a língua de Goethe. De fato, vários pensadores alemães contribuíram de forma significativa para essa temática, mas isso não quer dizer que eles tenham instituído o único caminho viável de reflexão. Uma das grandes qualidades da escrita de Rangel é sempre chamar a atenção para a possibilidade daquilo que é *outro* – logo, outros caminhos possíveis continuam abertos.

É inegável que, justamente por sublinhar a importância de trazer à tona aquilo que costuma ser obscurecido, Rangel consegue com êxito trafegar pela fronteira entre a história e a

filosofia sem se limitar a uma “filosofia da história” ou a uma “história da filosofia”². Nesse sentido, ele nos mostra que a tarefa de pensar – ao mesmo tempo – a “historicidade do filosófico” e a “filosoficidade do histórico” é possível e enriquecedora. Ao fim, o seu livro pode ser lido como uma espécie de guia sobre como realizar essa empreitada. Não é um trabalho simples, afinal, as fronteiras entre a história e a filosofia ainda são marcadas por muita incompreensão dos dois lados. Acreditamos que esse livro seja um episódio importante para que, quem sabe, novos e inesperados diálogos se estabeleçam nessa vizinhança interdisciplinar.

Em breve síntese, no livro *Da ternura com o passado*, Marcelo Rangel nos presenteia com a exposição de diálogos possíveis entre a história e a filosofia a partir, principalmente, das reflexões de Walter Benjamin. Mas ele nos deixa com a expectativa de que muitos outros diálogos de diferentes matizes possam ser traçados. Como o próprio Rangel demonstra em seu livro, o interesse benjaminiano pela construção (ou desobstrução) de novos mundos possíveis é uma tarefa de abertura para a diferença – e a fronteira entre a história e a filosofia está repleta de ferramentas que nos possibilitam esse exercício de abertura para o outro. A construção de novos caminhos possíveis se apresenta assim como uma iniciativa ético-política – e os diálogos entre as duas disciplinas (o trabalho de escuta que elas podem estabelecer entre si) podem contribuir de forma significativa para essa tarefa.

² Os termos dessa colocação e os da frase seguinte são usados por Rafael Haddock-Lobo na “orelha” de apresentação do livro.